

AS FIGURAS DA POSSIBILIDADE E A GÊNESE DO CONCEITO DE MUNDOS POSSÍVEIS

Jairo Dias Carvalho¹

RESUMO

O texto pretende discutir as figuras da possibilidade na história da filosofia e mostrar como surgiu o conceito de mundos possíveis. Tais figuras possuem como representantes as filosofias de Aristóteles, Duns Scoto e Leibniz. Trata-se do possível como objeto da potência divina, como objeto não contraditório do pensamento e como objeto da vontade divina. O texto, também conceitua ‘mundos possíveis’ e abre perspectivas para se pensar este conceito a partir de outras referências.

Palavras -Chave: Possibilidade, Leibniz, potência divina, vontade divina.

ABSTRACT

This text aims to discuss the figures of possibility in the history of philosophy and to show how the concept of possible worlds appeared. These figures are represented in the philosophies of Aristotle, Duns Scoto and Leibniz. The figures of possibility are concerned with the possible as object of a divine potency, as a non-contradictory object of the thought and as an object of the divine will. The text also elaborates a concept of “possible worlds” and opens some perspectives in order for one to think about this concept from other references, too.

Key-words: Possibility, possible worlds, Leibniz, divine potency, divine will.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O conceito de mundos possíveis possui originalmente uma origem epistemológica. Podemos defini-lo como a pressuposição da existência de uma pluralidade conceitual e não física ou real de mundos possíveis. Não se trata de outros mundos potencialmente existentes ao lado do nosso, mas de mundos puramente abstratos, realmente criáveis, que coexistem mentalmente de maneira *a priori* ao nosso mundo atual. Seu conteúdo é definido a partir de uma série de condições contrafactuais elaboradas a partir do mundo atual. A partir de estados de coisas de nosso mundo estabelecemos condições que conduziriam à modificação destes estados de coisas e à configuração hipotética de mundos. A partir do conceito de mundos possíveis podemos saber o que aconteceria se as condições fossem diferentes, se uma situação

¹ Doutor em Filosofia pela UFMG. Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

apresentasse de outra maneira e se os agentes tivessem outro comportamento ou tivessem tomado outras decisões.

Portanto, um mundo possível não é um mundo que coexista ao lado do mundo atual ou, eventualmente ao lado de outros mundos, também eles possíveis. Não é, assim, uma realidade estranha que podemos descobrir, uma realidade que está aí para que a possamos encontrar de algum modo e, que possui existência autônoma independente do conhecimento que dela possamos ter. Um mundo possível não possui realidade ontológica. Um mundo possível é um instrumento de análise, um operador de relatividade, é uma forma de se pensar em situações contrafactuais, diferentes do mundo atual, que é um mundo possível entre muitos outros. Um mundo possível é um curso completo alternativo de acontecimentos passados, presentes e futuros. Ele não corresponde a uma entidade, mas é algo que se estipula. Mundos possíveis são estipulados, não descobertos. Ao estipular o que poderia ter acontecido numa certa situação contrafactual estamos falando acerca do que teria acontecido se tal situação ocorresse. Um mundo possível significa, então, a configuração de uma história possível do mundo, de uma seqüência determinada.

O conceito de mundos possíveis trata do problema da possibilidade, mas pensada em relação à totalidade das coisas e de sua seqüência. Isto significa que uma alteração das condições implica um outro mundo. Mas, será que um outro é sempre um mundo? Uma outra bifurcação configuraria um outro mundo? Um outro acontecimento faz um mundo?

Parece que não se pode pensar o conceito de mundo possível sem o conceito de que o mundo é determinado. Ou que cada mundo é determinado internamente, mas possível em relação aos outros. Não há possibilidade neste mundo, o possível é elemento de outro mundo. Temos quatro grandes posições sobre esse tema, aquela que diz: 1- o mundo é único e determinado; 2- o mundo é único e contingente; 3- o mundo é contingente, possível, pois poderia ser outro e, portanto, há uma pluralidade de mundos, mas cada um é internamente determinado; 4- o mundo é possível e contingente internamente, o que significa dizer que poderia ser outro mundo e seus acontecimentos também poderiam ser outros.

Um mundo determinado é um mundo de existências condicionais. Dadas tais propriedades, não podemos afirmar a necessidade dos fatos, que resultam de seus encontros, de seus relacionamentos, sem afirmar ao mesmo tempo a necessidade de outros fatos, que talvez nunca existiriam nem existirão, mas que teriam existido se outros encontros tivessem ocorrido. É a observação da ligação dos fatos, de sua influência recíproca, de sua reprodução semelhante em circunstâncias semelhantes, que autoriza a afirmação de outros fatos em outras

circunstâncias não observadas. O mundo possível é, assim, uma totalidade relacional e sequencial. O nascimento de uma mosca mudaria o mundo inteiro por que não haveria nenhuma parte do mundo que não tivesse certa relação com esta mosca (relação de distância, de proximidade, de semelhança ou de dessemelhança), de sorte que com seu nascimento seria criada uma infinidade de relações que não existiria sem ele. A partir das próprias leis do mundo atual, podemos fabricar mentalmente outros mundos que jamais existiram ou jamais existirão.

A função da projeção da existência de mundos possíveis não é mais provar a não limitação da toda potência divina, questão de onde surge a reflexão que conduzirá à construção do conceito de mundos possíveis, mas simplesmente provar o caráter contingente e não necessário do mundo atual e sua maior perfeição possível, como em Leibniz.

O conceito de mundos possíveis possui originalmente três acepções: uma cosmológica, que pressupõe outros planetas que podem coexistir com o nosso, uma literária, que pressupõe outros mundos imaginários ou fictícios, uma epistemológica, que pressupõe um agenciamento diferente de nosso mundo, com os mesmos agentes e as mesmas criaturas. O mundo pode ser outro do que é, mas a capacidade de existência deste outro mundo não é pressuposta no sentido de uma coexistência efetiva e atual com o nosso mundo. O conceito de mundo possível em Leibniz é tributário desta acepção epistemológica. Mas, como foi constituído este conceito epistemológico de mundos possíveis?

O conceito de possibilidade possui pelo menos três grandes figuras. 1- O possível é aquilo que é objeto de uma potência executante divina ou não, no sentido daquilo que pode ser produzido ou causado; 2- O possível é objeto do pensamento, o possível é o concebível, no sentido em que não envolve contradição; 3- O possível é aquilo que é tendência à atualização, no sentido de pretensão à existência. O que pode acontecer ou o que é possível de acontecer segundo estas três figuras seria: 1- o que pode acontecer é aquilo que pode ser produzido; 2- o que pode acontecer é aquilo que pode ser pensado, que pode ser concebido como objeto não contraditório do pensamento; 3- o que pode acontecer é aquilo que tende a acontecer como aquilo que é apto a existir. A potência, o pensamento e a tendência ou aptidão definem a possibilidade, o que pode acontecer.

O POSSÍVEL COMO OBJETO DA POTÊNCIA

Tal posição começa a ser formulada por Aristóteles. Para ele o possível é o ser em potência, quer dizer, o ser que tende à existência; é o que em um tempo infinito necessariamente acontecerá. Aristóteles pensa o possível sob o ângulo da passagem da potência ao ato, como o que pode ser atualizado a em virtude de uma causa eficiente. Esta concepção será historicamente desenvolvida na consideração do possível como aquilo que se define em relação a uma potência executante, como objeto produtivo por uma potência divina ou não. Tal figura pode ser resumida na afirmação de que o possível é o que é objeto de uma potência. O possível será o que pode ser causado ou produzido. O que é produzido define o estatuto do que é possível. Quem ou o que produz é que define a possibilidade. Nesta figura o que determina a possibilidade é a potência do produtor. A potência define o que é possível ou não e, por consequência o que é atual ou não. E, assim a medida do atual é o possível e a medida do possível é o tamanho da potência do produtor; se ela for infinita, tudo é possível. Assim, o impossível tomado absolutamente pode ser feito por Deus, se sua potência for infinita. Ou seja, o que é possível ou impossível absolutamente é o que é possível ou impossível para Deus. A medida do possível está na potência executante e por consequência o atual é o que é, foi, será possível de ser produzido por uma potência. Esta figura reduz todas as coisas ao que é possível em geral para toda potência produtora ou executante e diz que o que é possível é o que pode tornar-se atual por meio da potência divina.

Mas, será que não é o possível que define a potência? É a potência que torna algo possível, faz, produz e causa algo? Ou será que o que é produzido o é à medida do possível? Será que o que é possível não é independente de uma potência? A possibilidade não antecederia a potência mesmo a divina? Se o possível é o que pode ser feito por uma potência executante, o que implica que é a potência que define o que é possível de ser feito ou não, então o que Deus não faz, não o faz por que é impossível? O possível é o que Deus faz e o impossível o que não pode fazer? Sua potência é limitada? Se não for Deus pode fazer o que é impossível, então por que não o faz? Será que as coisas possíveis não existem antes de Deus tornarem-nas atuais? Tudo o que é possível o é por causa da potência de Deus ou a existência do possível precede a potência divina? Algo é possível por que Deus faz ou Deus faz por que tal coisa é possível? Algo pode ser feito em si mesmo independentemente da potência executante? O limite do possível é o tamanho da potência ou a inconsistência? Será que o que é impossível provém de Deus, de sua potência ou impotência, ou da inconsistência da coisa

mesma? Deus não pode fazer o impossível por causa de sua potência ou por causa da coisa mesma? É por que uma coisa é possível em si que Deus a faz ou não? É a potência que define a possibilidade ou é a possibilidade que limita a potência? O índice de possibilidade estaria na potência executante ou na coisa mesma? É o possível que é medido pela potência ou é a potência que determina o que é possível ou não? A partir dessas questões surge a segunda figura da possibilidade.

O POSSÍVEL COMO OBJETO DO PENSAMENTO

Nesta figura o possível não dependeria da potência, mas haveria em si mesmo o signo do que pode ser feito ou não. Nesta figura haveria uma razão interna à possibilidade que a destacaria da relação à potência. O problema agora é se algo pode ser feito em si, independente da sua relação à potência. Duns Scotto será o primeiro a pensar o conceito de possibilidade definido como o que é logicamente concebível e como o que não implica contradição. Para ele o que é possível precede a potência divina. Existem puros possíveis que são anteriores à potência divina. O puro possível não é uma *realidade* que antecederia a atualidade, mas uma entidade lógica, é possível tudo aquilo que não envolve contradição. Duns Scotto autonomiza o conceito de possível em relação à causalidade da potência divina e à passagem ao ato aristotélico. Para ele a possibilidade pode ser caracterizada como uma ausência de impedimento a ser, em oposição à quimera que inclui no seu conceito a contradição. Para Scotto a potência divina possui como limite não atualizar contraditórios. Scotto define o possível como o que não é necessário em si mesmo e o que não inclui contradição. Há aqui um fundamento causal e lógico na definição do possível, já que Deus não pode causar o contraditório. Nesta filosofia, o impossível é pensado como o que o contrário é necessariamente verdadeiro e o possível como o que o oposto não é necessariamente falso. Assim, a definição do possível não se faz em referência a uma potência ativa, mas se define independentemente de uma causa, pelo princípio da não contradição. O possível pensado como o que é concebível significa a formulação da noção de puros possíveis. Esta concepção tratará a possibilidade como aquilo que pode ser pensado, concebido, como algo não contraditório, autonomizando o possível da causalidade e potência divinas, mas não do pensamento em geral. O que é possível é o que pode ser concebido como objeto não contraditório do pensamento.

A concepção de puro possível ao lado do conceito de mundos criáveis produzirá o conceito de mundos possíveis. O conceito de mundo criável é formulado a partir da reflexão sobre se as coisas criáveis não podendo preexistir em uma matéria primeira dada, já que o deus cristão cria o mundo do nada, não poderiam, então, possuir certo estatuto no intelecto divino. Será que antes que o mundo fosse efetivamente criado, sua possibilidade não era já pensável? Assim, vai aparecer a noção de mundo inteligível antes da criação, eternamente possível antes de sua criação, por que pensável por Deus de toda eternidade como não contraditório. Antes da criação do mundo haveria um entendimento que julgaria se mundo seria possível, se uma determinada disposição das coisas seria possível de ser atualizada, mas independente de toda potência criadora.

As querelas modernas sobre o livre-arbítrio, a presciência e a predestinação divina também contribuíram para fazer surgir o conceito de mundos possíveis. Tratar-se-ia de um novo afinamento da teologia católica visando afirmar a absoluta liberdade do homem e a contingência da ordem do mundo contra o necessitarismo. Houve, então, a invenção da noção de ciência média, um aspecto da onisciência divina que correspondia ao conhecimento que Deus possuía, antes de toda determinação de sua vontade, das decisões que seriam tomadas por vontades finitas a partir de qualquer ordem hipotética das coisas. A ciência média era uma espécie de lógica dos raciocínios condicionais em matéria contingente. Tratar-se-ia de pensar as diferentes versões possíveis de nosso mundo antes de sua criação. É a partir desta reflexão que surgirá o conceito da existência de uma pluralidade epistemológica e não real de mundos.

No lugar de um mundo único mundo apareceu, então, a concepção de uma multiplicidade de mundos possíveis igualmente presentes no entendimento divino. Os mundos possíveis não são mais outras estrelas ou terras, mas mundos abstratos resultantes de puras experiências de pensamento. A reflexão sobre a potência divina levou à afirmação que Deus poderia criar infinitos mundos. Apareceu, então, com o jesuíta Antonio Rubio uma outra questão: Deus pode criar mundos possíveis infinitamente melhores ou mais perfeitos que o nosso? Para ele haveria em cada um dos mundos possíveis uma infinidade de combinações possíveis, mas sua reflexão girava em torno da questão moral: os homens que povoam estes diferentes mundos sendo os mesmos do nosso, suas ações poderiam possuir valores diferentes?

O conceito de mundos possíveis possui, então, como ponto de partida uma discussão cosmológica acerca da disputa da filosofia cristã com a física aristotélica, um aporte epistemológico a partir da determinação do possível como objeto não contraditório do

pensamento, como pura possibilidade e um ponto de chegada no conceito de mundo, a partir da concepção da criação divina como escolha entre várias possibilidades. O conceito de mundos possíveis será a junção de todos esses elementos.

Foi a partir deste desenvolvimento da história da filosofia e da crítica a Spinoza, que Leibniz concebeu o conceito de mundos possíveis e pensou a univocidade contingente (um mundo, mas que poderia ser outro) do mundo atual a partir do conceito de perfeição. Leibniz estabeleceu um novo paradigma teológico: o da necessidade moral de Deus criar o melhor dos mundos possíveis. O mundo atual é o melhor, e foi escolhido pela bondade de Deus a partir do seu projeto de comunicar-se a nós. Para evitar a identificação Deus e natureza, Leibniz conceberá que o mundo não é efeito de uma necessidade absoluta, mas fruto de uma escolha. O mundo criado não é senão entre outros, e, único, no sentido de melhor, já que os mundos possíveis não se equivalem, ao contrário de Spinoza, que pensa a natureza a partir da categoria da necessidade, donde tudo decorreria da potência causal de Deus. É neste plano de pensamento que aparece o conceito de mundos possíveis. Será o desenvolvimento da filosofia de Leibniz que nos permitirá falar do possível como tendência ou aptidão a existir.

O POSSÍVEL COMO OBJETO DA POTÊNCIA DIVINA: A QUESTÃO DA BONDADE

Leibniz produz uma nova figura do componente conceitual do possível enquanto objeto da potência divina em relação à filosofia medieval. Em Leibniz o possível não é o correlato objetivo da potência executante divina, por que isso impediria de se pensar intrinsecamente uma razão do que é possível e do que é atual. A consideração do mundo como objeto da potência divina, implicaria que ele seria atual porque possível e seria possível por causa da potência divina. Para Leibniz, o possível possui uma razão interna, um critério de atualização: o princípio de perfeição.

O mundo atual é o efeito da potência divina, objeto da escolha pela vontade divina e objeto concebido pelo entendimento ou sabedoria divina, a partir do critério de ser a expressão mais perfeita do plano de Deus se comunicar ao homem. Em Leibniz é o entendimento que concebe as possibilidades ou os puros possíveis. A atualização não depende, assim, da potência, mas da vontade divina que escolhe dentre as possibilidades. O que é possível não o é por causa da potência divina, mas sim por causa do entendimento divino. A atualização segue a seguinte regra: do possível o melhor, e, portanto o que é

atualizado é o que se impõe como o mais perfeito. O possível se torna atual por causa do seu caráter intrínseco de perfeição.

Portanto, para Leibniz o mundo não é criado a partir e na medida do possível. Não é criado o que é possível, mas o que é o possivelmente melhor, portanto, não é somente o que é possível que é criado, e, nem tampouco somente o que é criado é o que é possível. Não é porque é possível que algo é criado, mas sim, porque um dos possíveis é mais perfeito e possui o critério de ser o melhor dentre os outros. Mas, mesmo que nem todos os possíveis sejam atualizados, isto não significa que não possam existir ou que sejam impossíveis, nem que não existam por serem impossíveis. O impossível não pode ser concebido, nem escolhido ou efetuado, mas o que não é atualizado, mas possível continua sendo real no entendimento divino. Se certos possíveis não permanecessem puros possíveis no entendimento divino isto significaria que possível é o que advém à existência, o que implicaria que o mundo seria necessário. Não se pode confundir o possível e o efetivo: “Sua escolha não torna impossível o que é distinto do melhor, o que Deus omite não implica contradição... Os objetos que Deus não escolhe não são impossíveis” (Leibniz, 1956, p.266-67). As coisas são chamadas à existência em razão da proporção de sua perfeição. Se não houvesse razões para a atualização do mundo, tudo o que fosse possível criar teria sido, porque Deus pode tudo, menos o impossível e o contraditório.

A criação ou a atualização não acrescenta nenhuma determinação ao mundo que, enquanto possível, é já inteiramente determinado. É esta determinação que o fará ser objeto ou não da escolha divina. A determinação significa uma lógica interna própria a um mundo. Cada mundo possuiria uma seqüência determinada e inter-relações internas. Como não se trata de possíveis isolados, mas de complexos relacionais, séries completas, chamadas de mundos será a partir de determinada seqüência concebida como a melhor que Deus a atualizará. Mas, a escolha de uma determinada série não anula a possibilidade de outras séries e, portanto a contingência do mundo criado, já que poderia ter sido outra a escolha. Deus cria primeiro o mundo, o plano de mundo, o agenciamento dos acontecimentos e, depois os elementos do mundo: “O romance da vida humana, que faz a história universal do gênero humano, se encontra todo inventado no entendimento divino junto com uma infinidade de outros” (Leibniz, 1956, p. 209).

Deus cria uma das possibilidades, por que julgada como a melhor dentre as outras. A possibilidade, portanto, não é a única razão da existência e atualidade das coisas. Nem todos os possíveis podem vir à existência por possuírem graus de perfeição diferentes, no sentido da

glória de Deus. Assim, nem todos os possíveis podem ser atualizados porque alguns não podem coexistir. Se rejeitássemos os puros possíveis destruiríamos a contingência do mundo, por que nada seria possível senão o que Deus criasse efetivamente. Que Deus escolha o melhor, isto não impede que o que é menos perfeito não permaneça possível em si mesmo. E, mesmo que esse outro mundo não se atualize, não será sua impossibilidade, e, sim sua imperfeição a razão dele ser rejeitado. Deus pensa a possibilidade antes de criar, busca razões, por isso o mundo é contingente, já que poderia ser outro. É o fato da possibilidade exceder o atual que confere à criação sua razão (haveria um motivo para a criação) e sua contingência.

Somente o que possui um índice determinado de perfeição ou de bondade é apto a se relacionar ao todo no sentido do plano de Deus. Cada mundo possível é, portanto, uma totalidade inter-relacional. É uma totalidade determinada de co-relação entre o bem e o mal, por isso dizemos que se trata do melhor possível e não do melhor absolutamente. Por isso, Leibniz diz que Deus antes de discernir, considerou, entre outras seqüências possíveis das coisas, aquela que aprovou. E, que, para salvar outros da perdição, por exemplo, Deus teria sido preciso escolher outra seqüência geral, por que tudo é ligado em cada seqüência.

O POSSÍVEL COMO CO-RELAÇÃO ENTRE PERFEIÇÃO E IMPERFEIÇÃO

Leibniz diz que:

A sabedoria de Deus, não contente em abraçar todos os possíveis, os penetra, os compara, os pesa uns contra os outros, para estimar os graus de perfeição e de imperfeição, o forte e o fraco, o bem e o mal, vai mesmo além das combinações finitas, constrói uma infinidade de infinitos, quer dizer, concebe uma infinidade de seqüências possíveis do universo, donde cada uma contém uma infinidade de criaturas, e por este meio a sabedoria divina distribui todos os possíveis que entreviu, em sistemas universais... O resultado de todas as comparações e reflexões é a escolha do melhor dentre todos os sistemas possíveis, que a sabedoria fez para satisfazer plenamente a bondade, que é justamente o plano do universo atual. Todas estas operações do entendimento são feitas em conjunto sem que haja entre elas alguma prioridade de tempo (Leibniz, 1956, p. 264).

O mundo possível é uma idéia de uma totalidade relacional seqüencial. Cada idéia de um mundo possível possui determinada articulação de perfeição e imperfeição, entre o bem e o mal. Cada mundo possível é uma estimativa dessa co-relação. Cada seqüência pensada é uma distribuição proporcional possível entre graus de perfeição e de relações determinadas entre o bem e o mal. Após esta comparação ser feita pelo entendimento divino, é escolhido um mundo: aquele que satisfaz melhor maneira o plano de Deus.

O atual é o mais perfeito, tal é a formulação da criação em Leibniz. Mas, por que Leibniz opera com essa fórmula? Por que para Leibniz a perfeição absoluta somente existe em Deus. A criação implica necessariamente o mal metafísico, já que a imperfeição se encontra em todos os possíveis. O mundo melhor é ainda imperfeito, já que existe uma imperfeição inevitável das criaturas (Leibniz, 1956, p. 416). Podemos dizer de um outro modo: nosso mundo é o menos imperfeito dos mundos possíveis. Assim, o conceito de mundos possíveis implica uma distribuição da relação entre perfeição e imperfeição, entre graus de perfeição e entre graus de bondade e maldade, já que a imperfeição é ontológica:

É preciso considerar que há uma imperfeição original na criatura antes do pecado. Podemos dizer que o mal metafísico consiste na imperfeição e, como o entendimento é chamado da região das verdades, nele está contido todas as possibilidades, então havendo uma infinidade de mundos possíveis o mal estará em muitos dentre eles, e mesmo o melhor de todos o encerra (Leibniz, 1956, p. 416).

Ou seja: Deus distribuiu a imperfeição da melhor maneira possível. Leibniz fornece um exemplo interessante: “Em uma construção ou em um ornamento não se escolhe sempre a pedra mais preciosa, mas aquela que preenche melhor o lugar vazio” (Leibniz, 1956, p. 471). Trata-se da concepção de que uma composição opera com o melhor possível e não com o que é perfeito.

As imperfeições provêm da limitação original que as criaturas recebem quando criadas, já que Deus não poderia dar-lhes todas as perfeições sem fazê-las deuses: “O melhor sistema das coisas não contém deuses, ele será sempre um sistema de corpos, quer dizer de coisas arranjadas segundo os lugares e o tempo, e de almas que representam e percebem os corpos” (Leibniz, 1956m, p. 245). Por isso é que existem diferentes graus na perfeição das coisas. Assim, o mal advém de um grau de perfeição determinado. A perfeição e a imperfeição estão presentes nas idéias dos possíveis. Por isso Deus faz o melhor que é possível (Leibniz, 1956, p.198), (e isto significa uma co-relação determinada entre perfeição e imperfeição); o que significa que o mal é ligado ao melhor projeto possível do universo. Diz Leibniz: “O mal deve existir, por razões de ordem suprema; não podemos calcular infinitamente, nem compreender o cálculo de Deus. Ele não pode fazer de outra maneira por que não pode fazer melhor... o que produz o melhor efeito de conjunto. Então, Ele faz o bem tanto quanto possível” (Leibniz, 1956, p. 190).

Assim, podemos dizer que de todas as combinações infinitas a atual é a melhor. E, o pecado é envolvido nesta combinação. De todas as criaturas, de suas diversas combinações e

de suas diferentes relações o mundo atual é o melhor. Leibniz diz que Deus, que pode tudo o que é possível, somente permite o pecado porque é absolutamente impossível a quem quer que seja não o permitir (Leibniz, 1956, p. 219).

Os males que experimentamos não podem ser excluídos do universo por que existe a imperfeição original de todas as coisas: elas não são deuses. Cada mundo possível, portanto, irá compor determinada proporção entre o bem o mal. Parece, então que há uma consistência interna aos mundos verificada pela afirmação que haveria outras conseqüências se alguns dos vícios fossem eliminados do mundo atual. O vício está ligado ao melhor plano do universo estabelecido por Deus:

De onde se segue necessariamente que o que foi escolhido possui a vantagem da bondade sobre o que não foi escolhido, e por conseqüência que é o melhor de todos os possíveis. Há melhor plano do que aquele que Deus executou? Entre todos os planos possíveis do universo há um melhor que todos os outros. Não podemos limitar a potência de Deus, ela se estende ao máximo, a tudo o que não implica contradição (Leibniz, 1956, p. 265).

Diz ainda Leibniz: “A sabedoria infinita do todo potente, junto com sua bondade imensa fez com que nada pudesse ser criado de melhor do que o que foi criado por Deus” (Leibniz, 1956, p. 454). O mal provém das idéias, chamadas de essências possíveis concebidas por Deus, cada uma possuindo determinada proporção, combinação entre o bem e o mal. Não se pode evitar o mal, pois este pode ser acompanhado de um grande bem. Um mundo com a presença do mal é melhor que um mundo sem ele, e este universo é melhor que todo outro universo possível: o atual é sempre melhor.

A composição de um mundo no entendimento divino é uma espécie de desenho. Como a imperfeição é ontológica, todos os mundos possíveis desenhados possuem graus diferentes dela e, portanto nem mesmo no desenho do melhor, Deus podia excluir o mal. Há, assim, uma determinação lógica, uma ordem interna, uma lógica interna de composição do mundo na idéia de cada mundo possível. Portanto, se Deus não tivesse escolhido o melhor mundo onde o pecado interviesse, teria admitido algo pior que todo pecado das criaturas. Como diz Leibniz: “A verdadeira fonte do mal é a imperfeição original ou a imbecilidade das criaturas, que é tal que o pecado faz parte do melhor mundo” (Leibniz, 1956, p. 460). Assim, Deus produz o tanto de felicidade e de virtude que comporta o plano do melhor mundo, e não admite vício e miséria senão o que seria necessário admitir na melhor seqüência (Leibniz, 1956, p. 468). O bem e o mal estão em determinada composição, a partir do plano final e do estatuto inicial de perfeição:

Deus não é o autor de essências enquanto elas não são senão possibilidades, mas não há nada de atual que não tenha concedido dar existência, permitindo assim o mal, por que ele é envolvido no melhor

plano que se encontra na região dos possíveis, que a sabedoria suprema não podia deixar de escolher. Deus fornece perfeição às criaturas tanto quanto o universo pode receber... o motivo do bem inclina a vontade sem a necessitar. (Leibniz, 1956, p. 328).

O mundo, o possível, o mundo possível possui uma espécie de consistência interna, uma espécie de lógica de mundo, e que o melhor possui uma espécie de lógica interna baseado na co-relação entre bondade, maldade, perfeição e imperfeição. Assim, Deus produz o melhor plano que escolheu entre todas as idéias possíveis do universo. Assim, Deus, tendo como projeto se comunicar, as criaturas não sendo deuses, distribuiu a imperfeição da melhor maneira possível, construindo versões completas da seqüência das coisas e atualizando aquela que achou a melhor. Neste sentido o conceito de mundos possíveis é um conceito epistemológico. Mas do fato que cada seqüência possui uma tendência a existir, podemos dizer que mundos possíveis são tendências de mundo que pretendem à existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, Jean-François. *Inventio analogiae. Métaphysique et Ontothéologie*. Paris: Vrin, 2005.

_____. *Suárez et le Système de la métaphysique*. Paris: Épiméthée-PUF, 1990.

DEVILLAIRS, Laurence. *Descartes, Leibniz: Les vérités éternelles*. Paris: Puf, 1998.

FRÉMONT, C. *Singularités: Individus et relations dans le système de Leibniz*. Paris: Vrin, 2003.

_____. *Complication et singularité*. *Revue de Métaphysique et de Morale*, número 1 1991.

LEIBNIZ, G. W. *Discurso de Metafísica e outros textos*. Apresentação e notas de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Essais de Théodicée: Sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. Préface et notes de Jacques Jalabert. Paris: Aubier Montaigne: 1956.

_____. *Sistema Novo da Natureza e da Comunicação das Substâncias e outros textos*. Seleção e introdução Edgar Marques. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MURALT, André. *Néoplatonisme et Aristotélisme dans la Métaphysique Médiévale: Analogie, Causalité, Participation*. Paris: Vrin, 1995

PACCIONI, Jean-Paul. *Cet Esprit de Profondeur, Christian Wolf: L'ontologie et la Métaphysique*. Paris: Vrin, 2006.

SILVA GRAÇA, Adriana. *Referência e Denotação: Um ensaio acerca do sentido e da referência de nomes e descrições, parte 2, referência*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.